



A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM TRÊS ATOS
REALIDADE OU ILUSÃO, ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?!

THE ABOLITION OF SLAVERY IN THREE ACTS:
REALITY OR ILLUSION, IS SLAVERY EXTINCT ?!

Rafael Pereira GUEDES*





RESUMO

O presente artigo analisa três sambas-enredos que abordaram a abolição da escravidão em diferentes momentos. O primeiro em 1968, a composição da Unidos de Lucas denominada de “*História do Negro no Brasil*”, a segunda em 1988, “*Cem anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão?*” da Estação Primeira de Mangueira e por último, a obra da Paraíso do Tuiuti, “*Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?*” de 2018. A opção por esses três sambas-enredos entre outras possibilidades ocorreu pelos seguintes fatores. Primeiro pela expressividade das letras das músicas, e seus alcances midiáticos, visto que são reconhecidos como obras de grande qualidade e aceitação. Um outro ponto são os momentos em que foram apresentadas, em datas consideradas “redondas”, ou seja, entre as principais efemérides dos respectivos anos de 1968, 1988 e 2018, se destacavam a abolição da escravidão. Dessa forma, busco analisar como os compositores dos três sambas interpretaram o acontecimento histórico de 1888, como analisaram a construção do movimento abolicionista e como nessas diferentes temporalidades, se apresentaram e/ou influenciaram as obras. Assim sendo, a partir dessas análises, indico a utilização como ferramenta didática direcionada ao ensino básico de História.

PALAVRAS-CHAVE

abolição; samba-enredo; escravidão; negritude;

ABSTRACT

This article analyzes three sambas that approached the abolition of slavery at different times. The first in 1968, the composition of Unidos de Lucas called





“História do Negro no Brasil”, the second in 1988, “Cem anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão?” from the Estação Primeira de Mangueira and finally, the work of Paraíso do Tuiuti, “Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?” from 2018. The option for these three sambas-redos among other possibilities occurred due to the following factors. First, the expressiveness of the lyrics, and their media coverage, since they are recognized as works of great quality and acceptance. Another point are the moments in which they were presented, on dates considered “round”, i.e., among the main events of the respective years of 1968, 1988 and 2018, the abolition of slavery was highlighted. Thus, I seek to analyze how the composers of the three sambas interpreted the historical event of 1888, how they analyzed the construction of the abolitionist movement, and how in these different temporalities they presented themselves and/or influenced the works. Thus, based on these analyses, I indicate the use as a didactic tool directed at the basic teaching of History.

WORDKEYS

abolition; samba-enredo; slavery; blackness;

INTRODUÇÃO

O ensino de História apresenta uma série de objetivos e funções sociais, entre elas a de almejar a “*valorização, democratização e correção das desigualdades históricas na sociedade brasileira*” (MATTOS; ABREU, 2008). Essa perspectiva é reafirmada pela “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”, aprovados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em março de 2004 e homologados pelo Ministério da



Educação (MEC) em junho do mesmo ano. Dessa forma, um dos assuntos mais pertinentes na realidade do ensino básico brasileiro é a discussão referente às identidades étnico-raciais, assim como seus desdobramentos, como a ideia de pertencimento e reconhecimento da negritude, aspectos do racismo, da segregação sócio-racial e decolonidade.

Aliado a isso, percebi ao longo da minha trajetória docente, o quanto a utilização de músicas como recurso didático colabora com uma melhor compreensão e entendimento de conteúdos programáticos. Dentre as diferentes opções de músicas e gêneros musicais que podem e são utilizadas, o gênero samba-enredo se destaca pelas suas origens e identificação com comunidades majoritariamente negras e/ou afrodescendentes. As escolas de sambas, estimuladoras e promotoras das composições desse tipo, se enquadram como espaços de socialização negra desde as suas origens, e mesmo com as transformações inerentes da sociedade, ainda se percebe uma identificação fortemente associada ao povo negro.

Assim sendo, a questão central desse artigo se baseia na análise de três sambas-enredos que trataram a abolição da escravidão. Dentre as obras, da Unidos de Lucas em 1968, intitulada “*História do Negro no Brasil*”, conhecido popularmente como “*Sublime Pergaminho*”, “*Cem anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão?*” da Estação Primeira de Mangueira, em 1988, e por último, a composição da Paraíso do Tuiuti, “*Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?*” de 2018. Como se trata de um universo bastante amplo, o meu recorte se baseou em aspectos subjetivos como a expressividade das letras das músicas, e seus alcances midiáticos, a capacidade de análise e desenvolvimento de abordagens pedagógicas, além do momento em que foram apresentadas, preferencialmente em datas em que entre as efemérides, se destacassem a abolição da escravidão.





1. A UNIDOS DE LUCAS CELEBRA: “MEU DEUS, MEU DEUS, ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO!”

A Unidos de Lucas apresentou no carnaval de 1968 o enredo “*História do Negro no Brasil*”, de autoria de Clovis Bornay, carnavalesco da escola. Os compositores Zeca Melodia, Nilton Russo e Carlinhos Madruga desenvolveram uma das principais obras daquele ano, sendo reconhecido como um dos melhores sambas da escola em todos os tempos e do próprio carnaval.

A letra narra a trajetória do negro na escravidão até o momento da libertação, associada como fruto da ação política da Princesa Isabel, reforçando assim a leitura historiográfica da “redenção”. Tal perspectiva foi dominante na historiografia tradicional e na história enquanto disciplina escolar por várias décadas e durante os anos 1960, ainda era predominante, a ponto de um samba intitulado como a História do negro se resumir a história da libertação do cativo.

Iludidos
Com quinquilharias
Os negros não sabiam
Que era apenas sedução
Pra serem armazenados

Os versos iniciais apresentam uma versão considerada ultrapassada pela historiografia atual, ao afirmar que a população africana era enganada e translada para o Brasil sem ter ciência da condição de escravizado. No próprio continente africano, a escravidão era uma realidade, assim como em outros continentes, civilizações e em diferentes temporalidades. A significativa diferença da dita escravidão moderna para as demais era o aspecto comercial,



se notabilizando como um complexo comércio transatlântico. Na sequência, os versos narram o desejo da libertação, do fim do cativo.

Em grande união
Daí nasceram festejos
Que alimentavam o desejo
De libertação
Era grande o suplício
Pagavam com sacrifício
A insubordinação

Destoando do cenário encontrado ao longo das décadas de 1950 e 1960, nas letras dos sambas-enredo, quando mencionam a escravidão, o samba da Unidos de Lucas a relata de forma sucinta e subjetiva, evitando uma narrativa direta e objetiva. No entanto, quando a letra menciona o processo abolicionista, percebe-se uma sequência de referências a leis e ações institucionais, conforme pode ser observado nos versos a seguir.

E de repente uma lei surgiu
Que os filhos dos escravos
Não seriam mais escravos do Brasil
Mais tarde raiou a liberdade
Daqueles que completassem
Sessenta anos de idade

Os trechos acima fazem referência direta às Leis do Ventre Livre, de 1871, e a Saraiva-Cotegipe, de 1885, mais conhecida como dos “Sexagenários”. A primeira declarava livre os filhos de mulheres escravizadas nascidos no





Brasil a partir da data de sua assinatura, enquanto a segunda, concedia a liberdade aos escravizados acima de 60 anos de idade. Ambas as leis, foram sancionadas no dia 28 de setembro dos seus respectivos anos, e apresentam mecanismos discutíveis e que deveriam ser problematizados, o que não ocorre na letra do samba.

O primeiro aspecto é a abrangência da Lei do Ventre Livre, visto que apesar dos filhos libertos, as mães permaneciam na condição de cativas. Assim sendo, as crianças deveriam permanecer em poder dos senhores das suas mães até os oito anos de idade, cabendo a estes a entrega ao Estado, mediante indenização ou a utilização de seus serviços até os 21 anos. Quanto ao alcance da Lei dos Sexagenários, poucos escravizados chegavam aos 60 anos, e caso tivessem esse direito, eram limitados por uma série de fatores como a obrigação em prestar serviços por três anos para seus ex-senhores, além de permanecer no município em que foi libertado.

Outros versos da composição que merecem a nossa atenção e problematização recaem sobre a Lei Áurea e a sua signatária, Princesa Isabel.

O sublime pergaminho
Libertação geral
A princesa chorou ao receber
A rosa de ouro papal
Uma chuva de flores cobriu o salão
E um negro jornalista
De joelhos beijou a sua mão

Ao associar a Lei Áurea como o “sublime pergaminho”, os autores reforçam a visão da “redentora”, se alinhando ao caráter festivo e sem





problematizar a questão da futura inserção social da população negra na cidadania brasileira. Ou seja, o samba-enredo da Unidos de Lucas apresenta uma leitura correlata com a visão historiográfica dos anos 1960, predominante na disciplina escolar de história no ensino básico, que não havia uma problematização da situação do negro no pós-abolição, sem equivalências com a referida década. O verso em referência a José do Patrocínio, o negro jornalista, que beijou as mãos da Princesa Isabel ao saber do teor da Lei Áurea, reforça o protagonismo desta em detrimento das mobilizações da própria população negra escravizada.

Apesar da mensagem predominante ser a ação do Estado como responsável pelo fim da escravidão, nos versos “*formavam irmandades, em grande união*” observa-se uma referência a luta dos próprios negros escravizados para acabar e superar tal realidade. Essa referência se justifica pelo que Farias afirma ser um momento de transição do discurso, em que a Princesa Isabel ainda aparece com protagonismo, mas que cada vez mais o processo abolicionista é apresentado como um resultado das ações e mobilizações dos próprios negros.

2. “REALIDADE OU ILUSÃO?”: A REFLEXÃO MANGUEIRENSE SOBRE O CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO

O ano do centenário teve três sambas enredos falando diretamente do negro, a saber: Beija Flor de Nilópolis, Unidos de Vila Isabel e Mangueira. No entanto, das três agremiações, aquela com o tom mais crítico e buscando associar a abolição ao cenário vivenciado na década de 1980 foi a Estação Primeira. O samba-enredo composto por Hélio Turco, Jurandir e Alvinho se





notabilizou por ser considerado um dos melhores da safra de inquestionável qualidade da verde-rosa, além claro do tom crítico e questionador.

A autoria do enredo e do carnaval coube a Júlio Mattos, então carnavalesco da escola, que afirmava na sinopse que a constituição de favelas são símbolos da marginalização e segregação que o negro passou a vivenciar no pós-abolição. Destaca-se o forte tom crítico direcionado ao poder público e as autoridades, além da crítica aberta àquilo que é identificado como efeito, consequência direta da não inserção do negro após a abolição, o racismo e a segregação sócio-racial, conforme pode ser observado a seguir:

Nos tempos modernos, a grande maioria negra passou a viver nas favelas devido à falta de estrutura dos pós libertação, tendo em vista que não lhe foi dado o mínimo para enfrentar a nova realidade social. A favela está pronta para explodir, como um barril de pólvora, com toda a comunidade sofrida, abandonada pelo poder público, apesar dos esforços atuais, no sentido de amenizar a situação que pouco refletem a realidade. Não bastam as obras faraônicas, o que importa são as soluções de curto prazo, com escolas, alimentação, condições mínimas para respirar e a abertura do mercado de trabalho para os negros. Hoje o negro enfrenta o pior racismo que existe no mundo: o racismo que existe no mundo: o racismo fechado. Mas com a união das comunidades das favelas e do asfalto, como já existe na Mangueira, breve estaremos todos juntos lutando apenas pelo ideal de ver nosso país livre e sem racismo. (MATOS, 1988, p.10)

Dessa forma, o título “*Cem anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão?*” já apontava o principal questionamento a ser realizado pela Mangueira no ano do centenário. A abolição era uma realidade até que ponto. O que havia se modificado desde o período escravocrata até a década de 1980 que permitisse afirmar que a condição do negro havia melhorado ou se transformado. A que





tipo de liberdade foi garantido de forma institucional ao negro. Essas eram indagações que a partir do título e da sinopse nortearam os compositores, conforme pode ser observado nos primeiros versos.

Será ...
Que já raiou a liberdade
Ou se foi tudo ilusão
Será ...
Que a Lei Áurea tão sonhada
Há tanto tempo assinada
Não foi o fim da escravidão

O “será” marca o questionamento quanto a efetividade da Lei Áurea, quanto a inserção do negro na sociedade, agora como um ex escravizado, reafirmando a mensagem presente no título do samba. Na sequência, os versos “*Hoje dentro da realidade/ Onde está a liberdade/ Onde está que ninguém viu*” reforçam os efeitos presentes no cotidiano do negro, “*observando os lugares sociais que ocupam na sociedade brasileira, compreendendo uma rede relacionada a emprego, salário, habitação, escolaridade e saúde, entre outros fatores significativos para a composição desse quadro social*” (SILVA; SILVA, 2015, p.158) como a marginalização, o preconceito e o racismo.

Na segunda parte do samba, a redenção é cantada e associada a figura histórica de Zumbi dos Palmares e não a Princesa Isabel, conforme o movimento negro na década de 1980 afirmava e a sinopse de Júlio Matos sinalizou em “*Amando e sonhando com a Liberdade, seguindo a liderança libertária, o*





escravo quebra grilhões e foge para os quilombos. ZUMBI dos Palmares é a esperança, é o símbolo da luta pela Libertação” (MATOS, 1988, p.10).

Sonhei ...

Que Zumbi dos Palmares voltou

A tristeza do negro acabou

Foi uma nova redenção

Nesta passagem, a diferença de abordagem mais destoante referente ao samba da Unidos de Lucas de 1968 se faz presente. Se na década de 1960 a Princesa Isabel era um personagem central no enredo sobre a abolição da escravidão, no samba da Mangueira de 1988 ela se quer é mencionada. Fica evidente a busca por um protagonismo negro na história da negritude no Brasil, e dentre tantas figuras históricas, Zumbi dos Palmares aparecia com frequência nos versos dos sambas e nas discussões referentes ao tema.

O líder negro do principal quilombo no período colonial e que se transformou num símbolo da resistência a sociedade escravocrata, inspirava o movimento negro a novas ações, a uma nova “redenção”, não mais contra a escravidão, mas contra o preconceito racial, a segregação, as faltas de oportunidade de trabalho, estudo, lazer, saúde, entre outros direitos sociais marginalizados.

Apesar das dificuldades mencionadas, os três versos finais “*O negro samba/ O negro joga capoeira/ Ele é o rei na verde e rosa da Mangueira*” apontam e exaltam as virtudes dos negros, a sua herança cultural, sintetizada nas escolas de samba e especificamente no morro da Mangueira, espaço de liberdade efetiva e resistência cultural, uma espécie de quilombo da





atualidade, “lutando pelo negro e propiciando-lhe a vivência da igualdade, de modo que, nesse espaço, ele vive a condição verdadeira de rei, de senhor” (SILVA; SILVA, 2015, p.158).

3. A TUIUTI PERGUNTA: “MEU DEUS, MEU DEUS, ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?”

Nos 130 anos após a assinatura e promulgação da Lei Áurea, coube a Paraíso do Tuiuti refletir sobre o assunto. Os compositores Cláudio Russo, Moacyr Luz, Jurandir, Zezé e Aníbal desenvolveram em versos, a sinopse do carnavalesco Jack Vasconcelos. Com os seguintes versos, “*Irmão de olho claro ou da Guiné/ Qual será o valor? Pobre artigo de mercado*”, o samba começa relatando o quanto a escravidão é uma expressão cruel presente na humanidade, desmistificando assim a percepção de que o regime escravocrata foi existente apenas nos continentes africano e americano, além de indicar que não era exclusividade da pele negra.

Desde a antiguidade, o homem escraviza seus semelhantes, em diferentes temporalidades e de diferentes formas. O peso da escravidão moderna, a desenvolvida no continente africano é indicada no seguinte trecho da sinopse: “*Cativou povos, devastou territórios, extraiu riquezas do solo e de animais em nome de coroas europeias. Era rentável negócio até para chefes negros que a alimentavam com gente de sua gente. Levou uma raça a oferecer-lhe da própria carne*” (VASCONCELOS, p.179).

Essa forma do sistema escravocrata é fruto da forte influência europeia nas relações comerciais com a África, uma vez que o sistema econômico implementado nas Américas de exploração mercantilista, demandava de mão de obra cativa, obtida no continente africano. Este, realizava e mantinha o





cativeiro como uma expressão doméstica, que com a integração europeia se transformou num forte e intenso comércio transatlântico.

Eu fui mandinga, cambinda, haussá
Fui um rei Egbá preso na corrente
Sofri nos braços de um capataz
Morri nos canaviais onde se planta gente

As transformações que o povo africano vivenciava com a escravidão comercial estabelecida para fornecer e garantir cativos em grande quantidade as lavouras americanas são retratadas nos versos acima. Reis, príncipes, guerreiros, homens e mulheres subjugados e escravizados. Se no Brasil e em outras áreas do continente americano se trabalhava, era explorado até a morte, era aqui que se plantava a semente da liberdade. A desesperança dava vez a esperança de dias melhores e de superação do regime.

Ê calunga! Ê ê calunga!
Preto velho me contou, preto velho me contou
Onde mora a senhora liberdade
Não tem ferro, nem feitor

As religiosidades, com sincretismo ou não, a resistência dos quilombos e a organização do movimento abolicionista compunham a forma dos negros lutarem pela superação da exploração. Por isso mesmo, ao ser assinada a Lei Áurea, o negro foi rezar na cachoeira contra a bondade cruel, pois sabia que apesar do fim da escravidão, a exploração continuaria de outras formas.





Meu Deus! Meu Deus!
Se eu chorar não leve a mal
Pela luz do candeeiro
Liberte o cativo social

O cativo social que a Tuiuti menciona pode ser reconhecida nas desigualdades provenientes do período escravocrata que não foram combatidas e superadas. Conforme Vasconcelos aponta: *“O homem de cor” ganhou voz pelas ruas, força nos punhos da população, para além das leis parcialmente libertadoras. Contudo, mesmo enfraquecida, sobrevivia sob a égide dos grandes latifundiários e nas vistas grossas da hipocrisia*” (VASCONCELOS, p.180). Com a liberdade, não vieram a cidadania, a integração e a igualdade. Ou seja, até que ponto a escravidão havia se encerrado ou se transformado. As correntes e grilhões não eram os mesmos, porém, permaneciam em formas de preconceito, de desassistência institucional como o largo desemprego, miséria, fome e falta de investimentos em áreas sociais como educação e saúde.

A crítica ao cenário político atual, em que se associa às atuais mazelas como consequências sociais das práticas escravagistas é direta e objetiva, denunciando as fragilidades das relações trabalhistas e a continuidade de trabalhos análogos a escravidão. Um elemento considerado pela crítica especializada e público de relevância no desfile foi um destaque com a fantasia do “Vampiro Neoliberalista”, referência direta ao então Presidente Temer, responsável por implementar em seu governo uma reforma trabalhista que retirava direitos sociais, ampliando assim o emprego informal. Dessa forma, a Tuiuti transformou a afirmação e exclamação de José do Patrocínio utilizada como refrão no samba da Unidos de Lucas em 1968 para perguntar, questionar e refletir: “Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?”.





CONCLUSÃO

Os três sambas enredos apresentam diferentes visões e abordagens sobre o mesmo tema, refletindo os contextos históricos em que foram produzidos e pensados, compostos. Se na década de 1960, o mito da democracia racial imperava e influenciava a sociedade com o discurso de integração e harmonia, este mesmo já não se aplicava com a mesma vitalidade na década de 1980, o que é percebido pela música mangueirense ao questionar até que ponto a abolição da escravidão tinha se materializado em inserção dos negros. Três décadas depois, a Paraíso do Tuiuti apresentou uma leitura profunda e amplamente apoiada na historiografia sobre o regime da escravidão pela humanidade, quebrando a percepção atrelada apenas a África. Diferencia-se assim do samba da Unidos de Lucas que relata a travessia do Atlântico e não problematiza este sistema.

Cabe destacar as associações realizadas pelo samba de 1988 e 2018 com o momento político do país. Durante a segunda metade da década de 1980, o Brasil vivia às expectativas da redemocratização, da promulgação de uma nova Constituição e do fortalecimento de setores e movimentos sociais organizados. O hino da Estação Primeira dialoga e reflete esses movimentos, assim como o samba da Tuiuti, ao ser composto num momento político turbulento, de supressão de direitos sociais, como a reforma trabalhista de 2017, capitaneada pelo governo Michel Temer (2016-2018), em que garantias constitucionais no campo trabalhista foram modificados e fragilizados.

Assim sendo, na perspectiva do ensino de história, esses três sambas apresentam formas de abordagens e leituras pertinentes e relevantes para a percepção histórica do mesmo acontecimento em diferentes momentos e temporalidades, com diversidade de associações com a temporalidade.





Dessa forma, constituíram-se em fontes para o exercício discente de análise histórica, proporcionando uma melhor compreensão de conceitos que podem ser analisados e trabalhados como negritude e consciência histórica.

REFERÊNCIAS

ABRE-ALAS - G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti - Carnaval 2018. Disponível em: <https://liesa.globo.com/material/carnaval18/abrealas/AbreAlas%20-%20Domingo%20-%20Carnaval%202018%20-%20Atual.pdf>

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Editora FGV, vol. 21, nº 41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

FARIA, Guilherme José Motta. O G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro e as representações do negro nos desfiles das escolas de samba nos anos de 1960. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2014.

MATHIAS, Ângelo. “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão (?)”: a afirmação e a dúvida. Disponível em: <http://sambistasdadepressao.com.br/2020/05/14/as-escolas-de-samba-e-o-abolicionismo-em-5-texto/>

SILVA, Marluce Pereira da; SILVA, Ageirton dos Santos. Para além da avenida: as narrativas de sambas de enredo e a constituição de identidades negras. Revista Calidoscópio. São Leopoldo, RS: Unisinos. Vol.13, nº2, mai/ago 2015. p. 152-162.

Revista: Mangueira, Carnaval de 1988. Enredo: “Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão?”. Rio de Janeiro, 1988.

